

ABEL NEVES

**ANTÓNIO E
BEATRIX**

hnmus

ÍNDICE DAS CENAS

A CIDADELA

1. Corações expostos pág. 8
2. A ponte pág. 10
3. Cobaia pág. 13
4. Vigilância pág. 22
5. Acabe-se com a humanidade pág. 31
6. Sentir pág. 37
7. Estação Central pág. 44

VESTIR A SUA PELE

8. A cicatriz pág. 60
9. A bailarina pág. 73
10. O melro pág. 82
11. A missão pág. 92
12. O adeus pág. 101

A CIDADELA

CORAÇÕES EXPOSTOS

Música [a música deverá estar presente no espectáculo não apenas nas indicações precisas do texto ou nas transições de cena]. António está deitado numa cama, imóvel [a cama é uma mesa de bilhar (ou uma réplica) - snooker - por agora devidamente ocultada por um lençol branco]. Filamentos de luz saem do corpo de António para um pequeno painel, também ele um luzeiro colorido mas discreto. António está coberto da cintura para baixo com um lençol suavemente cinzento, num tom de argila. O fundo é uma superfície lisa cuja cor irá variar. Neste início, domina o branco-sujo. Haverá também motivos de imagem, fixa ou em movimento. Num dos lados, numa correnteza de módulos de estantes com prateleiras de material transparente, estão expostos, ordenadamente bem dispostos, diversos corações humanos, fracamente iluminados por dentro. Duas cadeiras - talvez de cor verde-seco - perto da cama. Numa delas está sentada Beatrix, que olha atentamente para António. Ao longo da peça, de vez em quando, Beatrix tem breves e discretos movimentos involuntários, descoordenados, ou da cabeça ou dos braços ou das pernas, e também a fala poderá ter um ou outro instante de subtil perturbação. Os figurinos de Beatrix [excepto os que, num ou noutro momento, vão explicitamente sugeridos] têm uma ressonância de cor e de corte numa mistura de elementos a lembrar a cultura tradicional mexicana e a actual cultura

pop japonesa. Beatrix levanta-se e aproxima-se de António. Observa-o muito atentamente, extremamente curiosa. Afasta-se um pouco e, de modo discreto, com uma cuidada e subtil descoordenação de movimentos, dança para ele, diante dele, sem que António reaja. Depois pára e por instantes fica estática. No fundo, enchendo a superfície disponível, revelam-se grandes planos de forja com ferro fundido e magma intenso de amarelo e vermelho, e, numa composição veloz de sequência, também pedaços de musgo em solo de floresta, e sal, montes de sal, talvez até salinas, de brancura intensa. Imagens soltas, fortes e breves. Depois, acompanhando as imagens, um som musical contínuo em alto volume, até poderá ser uma percussão intensa, por segundos. Imagens e som desaparecem, subitamente. Beatrix senta-se e olha em frente, fixamente. A luz baixa gradualmente. Escuro.

2

A PONTE

Noite. Os corações expostos. António está ainda deitado na cama, mas os tubos desapareceram. No fundo [de novo em branco-sujo] é projectado o seguinte texto – em português e romeno - cujas palavras, no início, estão soltas, em fragmentos de frase, e em dimensões variáveis, e que aparecem e desaparecem: o rio é a fronteira, esperaram que o atirador furtivo se distraísse um pouco, e correram, correram, furiosamente correram para o outro lado da ponte, mas o atirador não estava distraído e eles acabaram por correr para o outro lado da vida, os dois, mortos, quase no fim da ponte, deram-se as mãos, os dois amorosos deram-se as mãos ao atravessar a ponte, correram para não ser mortos, mas caíram, a juventude matou-os, há tantos casos na História. As palavras, em português e romeno, ordenam-se e compõem o sentido do texto, que fica projectado por inteiro até ao final da cena. Beatrix aproxima-se da cama e observa António. Olha e indica o fundo.

BEATRIX

onde foste buscar isso?, quando foi?, quantos sabem?, tira daí a mente *Pausa.* ouves-me?, consegues ouvir-me?, aconteceu, tiveste responsabilidade?, não, claro que não tiveste, nem eu, mas isso agora não importa,

não foi há muito tempo, mas só o passado pode lembrar-se *Baixo*. o pós-operatório é sempre uma trabalhadeira, não liguês, vais ficar bem, eu sei, sei o que digo *António não reage*. *Beatrix vai para dançar de novo, mas desiste, e fica a observá-lo melhor*. o meu irmão gostava que eu dançasse para ele, gostava *Anda um pouco e como que espreita o exterior*. podes confiar, ainda há pássaros, olha, os pássaros são nada e são tudo, sei que têm uma linguagem que podemos compreender, estão longe, para mim é uma sorte *Pausa*. o meu irmão adorava mulheres, era um vício que tinha, adorava *Pausa*. é noite, deixaram-me entrar, sabem que posso ajudar, preciso que me ouças, que me toques, o meu irmão dizia que só percebia que vivia verdadeiramente quando tocava nas coisas, não sentia nada, nadinha, não sabia sentir, mas punha a mão sobre o vidro, sobre os meus cabelos, ou sobre o açúcar, por exemplo, e sorria *Pausa*. preciso de ver os teus olhos abertos, é assim que começam as histórias com futuro *Pausa*. *António mexe os lábios, e os dedos, e continuará a mexê-los até ao final da cena*. se te dissesse o que se passa lá fora, mas disseram-me que para já não é bom que fiques agitado, estou aqui porque preciso e sei que também vais precisar *Pausa*. é bom falar para alguém que não fala, fico mais à vontade para dizer o que me apetece *Pausa*. tiveste muita sorte, eles dizem que a tua sorte é seres um rapaz novo, a primeira coisa que deves dizer quando acordares do sono é, obri-

gado, sou uma pessoa feliz, o resto não interessa, não custa muito, obrigado, sou uma pessoa feliz *Acaricia-lhe a frente, os cabelos.* não, não me vou embora, vou só ali ao parque, há patos na lagoa, são patos-reais, tem graça a cabecinha verde dos machos com o seu anelzinho branco no pescoço, as aves não me fazem confusão, os pássaros sim *Há um súbito clarão de branco no fundo.* enquanto não falas, vou ver os patos, depois, se te lembrares, trata-me por tu, sem cerimónia, pode ser? *Beatrix sai e a sua sombra alonga-se, projectando-se algures. Escuro.*